

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Thiago Carboni Petrolí

ANÁLISE DO CHUTE OFENSIVO NOS JOGOS DO CAMPEONATO GAÚCHO DE
FUTEBOL JÚNIOR 2012

Porto Alegre
2012

Thiago Carboni Petrolí

ANÁLISE DO CHUTE OFENSIVO NOS JOGOS DO CAMPEONATO GAÚCHO DE
FUTEBOL JÚNIOR 2012

Monografia submetida ao curso de
Educação Física – Bacharelado da
Universidade Federal do Rio Grande do
Sul como requisito parcial para a
obtenção do grau de Bacharel em
Educação Física

Orientador: Prof. Dr. José Cícero Moraes

Porto Alegre
2012

Thiago Carboni Petrolí

ANÁLISE DO CHUTE OFENSIVO NOS JOGOS DO CAMPEONATO GAÚCHO DE
FUTEBOL JÚNIOR 2012

Conceito final:

Aprovado em de de

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. – UFRGS

Orientador – Prof. Dr. José Cícero Moares – UFRGS

AGRADECIMENTOS

Não foi nada fácil chegar até este momento. Muito embora também não tenha sido difícil. Talvez porque eu tenha pais muito bons, realmente ótimos, que se dedicaram ao máximo para que eu pudesse ter a tranquilidade de lutar pelos meus objetivos tendo a certeza de que em casa haveria uma base muito sólida na qual pude me apoiar. Eles foram, são e, tenho certeza, ainda serão, por muito tempo, o maior exemplo que eu tenho de que é possível ser honesto, bondoso, perseverante, forte, enfim um ser humano como todos deveriam ser. Eles sabem disso, sabem que eu reconheço isso, não precisaria agradecê-los usando uma única folha em um trabalho da faculdade, mas acho importante que as outras pessoas saibam, pois eles merecem o reconhecimento. Além deles, meu irmão foi e é igualmente importante nesta trajetória e em todas as outras que compuseram a estrada da minha vida. Um irmão é o braço direito de qualquer um, ele é você, só ele pode passar pelas mesmas coisas que você e, por isso, te entender melhor até que seus pais. Bom, meu irmão é tudo isso também.

Naquela segunda semana de janeiro de 2007, nem eu nem ninguém que estava na mesma sala que eu, no mesmo colégio que eu, poderia saber que marcar as opções certas faria tanta diferença. Entrei na faculdade, conheci muitos guias, professores que acrescentaram muito ao meu conhecimento alguns dos quais eu gostaria de agradecer, como o professor Rogério Voser, professor Alberto Monteiro e professor José Cícero Moraes.

Além disso, conheci muitos colegas e fiz vários amigos. Amigos mesmo. Daqueles que se leva pra vida além do círculo acadêmico. Inclusive quero, e devo, aproveitar este espaço para agradecer a alguns destes amigos que colaboraram para que este Trabalho de Conclusão de Curso pudesse ser realizado. Queria agradecer especialmente ao César Leal Marchiori, pela imensa ajuda, ao João Roberto Sauthier Fonseca, por contribuir na aquisição dos dados, ao Thomas Cargnin Maso, pela amizade constante e a minha namorada, Adriana Cristine Koch Buttelli, por muito mais do que ter colaborado neste trabalho.

Foram muitos momentos, muito aprendizado, e gostaria de dizer àqueles que vão iniciar esta jornada que tudo valeu à pena.

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo analisar a origem e o resultado do chute ofensivo nos Jogos do Campeonato Gaúcho de Futebol Júnior 2012. Verificou-se também de quais setores do campo e em quais locais da goleira houve maior incidência de gols, bem como foram analisados quais os setores de chute que apresentam maior eficácia na hora da finalização, a fim de se oportunizar, a partir dos resultados obtidos, uma otimização do treino direcionado aos atacantes e aos goleiros. A amostra foi composta por dezesseis jogos da 1ª e 2ª fase do Gauchão Junior 2012, sendo cada jogo disputado em dois tempos de 45 minutos, totalizando 414 chutes. Para a coleta dos dados foi utilizado um modelo de scout adaptado do Handebol de D'ávila et al (2002), dividindo o campo em dez pontos de finalização e o gol em seis regiões. A maior incidência de gols foi registrada da região 1C, referente ao ponto mais próximo à goleira e da região frontal. Foi desta região, também, que se apresentou o maior índice de eficiência em gols. Além disso, com relação aos pontos de destino das finalizações, foi encontrada uma maior eficiência de gols nas regiões laterais da meta, especialmente na região 6. Tais resultados demonstram uma predileção dos finalizadores por chutes na região 6 que deve ser levada em conta pelos defensores de linha e, principalmente, pelo goleiro, ao mesmo tempo em que podem servir de base às ações de ataque das equipes, visto que chutes da região 1C se mostram muito eficientes na marcação de gols.

Palavras-Chave: Futebol. Chute. Júnior. Análise. Jogo.

ABSTRACT

The present study aimed to analyze the origin and result of the offensive kick in the games of the Gaucho Junior Soccer Championship 2012. It aims to verify As well, which sectors of the field and in which places of the goal there is more incidence of goals, as it was analyzed in which angel the kick was more effectiveness at the score attempt time, in the intend to provide, from the results obtained, an optimization to the training of the attackers and the goalkeepers. The sample was constituted for sixteen games in the first and second set of the championship, each game was played in two half's of 45 minutes, totalizing 414 kicks. For the data collection was used a scout model adapted from the handball of D'avila et al (2002), dividing the field in ten points of score attempt zone and the goal in six areas. The highest incidence of goals was recorded in the 1c area, related to the closest zone of the goal and from the frontal area. Was from this area, as well, that was show the highest goal efficiency index. Furthermore, related to the goals zones of score attempt, was found more efficiency of goals in the side zone of the goal, especially in the zone six. This results shows a predilection of the strikers for kicks in the zone six, that must be consider by the defense, and mainly, for the goalkeeper, while it can serve as a basis for attacking actions of the teams, considering that 1C zone kicks shows to be very effective in score a goals.

Keywords: Soccer. Kick. Júnior. Analysis. Game.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Divisão utilizada para determinar os pontos de finalização.....	18
Figura 2 - Marcação utilizada para identificar as regiões do gol.....	19
Gráfico 1 – Resultado geral dos chutes	21
Gráfico 2 – Resultado dos chutes no gol.....	22
Gráfico 3 – Percentual de chutes de cada região.....	23
Gráfico 4 – Percentual de chutes no gol do total de chutes de cada região.....	24
Gráfico 5 – Número de gols de cada região de origem	25
Gráfico 6 – Percentual de gols do total de chutes no gol de cada região de origem.....	26
Gráfico 7 – Percentual de gols do total de chutes de cada região de origem	27
Figura 3 – Percentual de chutes do total de chutes no gol.....	28
Gráfico 8 – Número de gols de cada região de destino	30
Gráfico 9 – Percentual de gols do total de chutes de cada região de destino	31

SÚMARIO

1 INTRODUÇÃO	8
1.1 OBJETIVOS	9
1.1.1 Objetivo Geral.....	9
1.1.2 Objetivos Específicos	9
1.2 PROBLEMA	9
1.3 JUSTIFICATIVA.....	10
1.4 HIPÓTESE DO PESQUISADOR	10
2 REVISÃO DE LITERATURA	10
2.1 BREVE HISTÓRICO DO FUTEBOL	10
2.2 O CHUTE.....	13
2.3 ANÁLISE DE JOGO	14
2.4 ASPECTOS TÁTICOS.....	15
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	17
3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO	17
3.2 AMOSTRA	17
3.3 INSTRUMENTOS E EQUIPAMENTOS DE MEDIDA.....	17
3.3.1 Explicações das Variáveis.....	17
3.4 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS	20
3.5 ANÁLISE DE DADOS	20
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	21
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	34

1 INTRODUÇÃO

O futebol é a modalidade esportiva mais praticada em todo mundo (SANTOS FILHO, 2002). Todos os anos, bilhões de pessoas vão aos estádios para assistir a partidas e uma quantia quase imensurável de dinheiro é movimentada pelo “mercado da bola”. É inegável, portanto, que o futebol desempenha um papel significativo na sociedade e na economia mundial.

A *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA) é a entidade maior do futebol. É uma associação regida pela legislação suíça, fundada em 1904 e sediada em Zurique. É composta por 208 federações nacionais e tem como objetivo, de acordo com os seus Estatutos, a melhora contínua do futebol (FIFA, 2012).

O futebol é a grande paixão dos brasileiros e encanta todas as faixas etárias. Contudo ainda carece de análises profundas de temas relacionados a suas origens, técnicas e, principalmente, treino de goleiro, que necessita de literatura especializada (VOSER *et al.*, 2006).

Para Lopes (1999) a posição de goleiro em relação ao time é de vital importância, sua participação em determinados lances pode ser a consumação de uma vitória ou até mesmo a derrota. Melo (1999) também vai por esta mesma linha de pensamento, enfatizando o goleiro quando diz que uma grande equipe começa com um grande goleiro, pois um grande goleiro inspira confiança a sua equipe, mas é necessário que haja treinamento dos mais apurados e condições físicas excepcionais para que ele possa atuar com precisão e segurança.

Através de observações de partidas e treinos podemos analisar e entender diversos aspectos envolvidos na prática do futebol, como a complexidade da tática de jogo e seus desprendimentos ofensivos e defensivos, tanto individuais quanto coletivos, por exemplo. Além disso, a obtenção de informações corretas e precisas sobre os jogadores e equipes é de interesse de treinadores e cientistas do esporte, pois permite relacionar o rendimento dos jogadores e das equipes com as estratégias e táticas utilizadas e pode contribuir para o aperfeiçoamento dos programas de treino (BARRIS & BUTTON, 2008).

Para Garganta (2000), no âmbito dos jogos desportivos coletivos, a análise do jogo entendida como o estudo do jogo a partir da observação da atividade dos jogadores e das equipes, vem constituindo um argumento de crescente importância. Dentro desta importância, destacam-se ações técnicas inseridas em uma partida de

futebol, sendo, algumas delas, estudadas de forma isolada. O gol, por exemplo, tem sido alvo de estudos como os de Ortega (2000), Leitão (2002) e Cunha (2004), que analisaram a distribuição temporal dos gols dentro da partida. Outros estudos como os de Godik (1996) e Leitão (2004) fazem uma análise detalhada das manobras que resultaram em gols e determinaram quantitativamente a rota que estas equipes utilizaram. Ramos et al. (2008) ainda citam estudos realizados por Gómez, analisando os gols da Copa do Mundo de 94, 98 e da Liga Espanhola 98/99, considerando o número de jogadores que participaram da jogada do gol; Oliveira, verificando a eficiência dos arremates a gol no Campeonato Brasileiro de 2001 e Saes, analisando os gols do Brasil na Copa do Mundo de 2002.

Desta maneira, o presente estudo visa analisar a origem e o destino do chute ofensivo nos jogos do Campeonato Gaúcho de Futebol Júnior de 2012, bem como a atuação do goleiro nas diversas situações de finalização.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo Geral

Analisar a origem e o resultado do chute ofensivo nos Jogos do Campeonato Gaúcho de Futebol Júnior 2012.

1.1.2 Objetivos Específicos

- Verificar a incidência de gols em relação ao setor de origem do chute;
- Identificar a incidência de gols em relação a dimensão espacial da goleira;
- Averiguar em quais setores do campo os jogadores apresentam maior eficácia nos chutes.

1.2 PROBLEMA

A fim de maximizar o treinamento de finalizações, bem como a preparação de goleiros no futebol, o presente estudo visa esclarecer quais pontos de origem do chute e espaços da goleira há maior incidência de gols, e em quais setores do campo os finalizadores apresentam maior eficácia.

1.3 JUSTIFICATIVA

O futebol é conhecido por ser um dos esportes mais praticados no planeta. Além disso, é tido como paixão nacional brasileira, o esporte mais popular em nosso País, movimentando bilhões de reais todo ano e levando milhões de pessoas aos estádios a cada temporada.

Devido a essa enorme demanda existente em razão do futebol e por existirem inúmeros profissionais envolvidos com a sua prática, o presente estudo procura contribuir com o conhecimento específico da modalidade buscando propiciar uma melhor qualificação aos profissionais envolvidos.

1.4 HIPÓTESE DO PESQUISADOR

Tendo como base a observação empírica de jogos de futebol, a maior incidência de gols deve ocorrer de chutes advindos de posições frontais e próximas à goleira, e que a bola tenha como direção, principalmente, os cantos da meta.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 BREVE HISTÓRICO DO FUTEBOL

De acordo com levantamentos históricos apontados por Oliveira (1995), Cabral (1978), citados por Frisselli e Mantovani (1999), e Morelli (1986), Duarte (1993) e Godoi e Cardoso (1989), citados por Voser et. al. (2006), o futebol tem uma origem muito mais antiga do que o seu famoso berço Bretão. Segundo estes relatos, o futebol pode ter derivado de diferentes espécies de atividades usadas para a diversão, socialização, competição dos povos ao longo da história, que se realizavam em torno de um “jogo” disputado com o implemento de uma esfera, a qual era chutada pelos participantes.

Alguns historiadores contam que nossos antepassados pré-históricos praticavam um esporte que envolvia chutes em crânios, pinhas e pedras (VOSER et. al., 2006). Segundo o mesmo autor, no Japão, por volta de 2.600 a. C., era praticado um jogo que tinha como principal objetivo o treinamento militar e foi denominado *Kemari*. Acredita-se que, neste jogo, havia um único espírito: aperfeiçoar a arte de chutar uma bola. Na Roma e na Grécia antigas, eram disputados o *Haspartum* e o *Epsykiros*, respectivamente, ambos utilizando uma bola feita com bexiga de boi, onde esta bola deveria ultrapassar uma linha de meta, alcançada através de passes realizados. O *Haspartum*, inclusive, inspirou outros “parentes” do nosso futebol moderno, quais sejam o *Soule* ou *Shoule*, praticado na França, e o *Calcio*, como ainda é chamado o futebol na Itália.

Segundo Frisselli e Mantovani (1999), à medida que o futebol deixava de ser um esporte violento e perigoso, começou a ter espaço dentro das escolas e clubes da Inglaterra e Escócia. Em 1823, depois de discussões quanto à utilização ou não das mãos e dos pés em uma partida na *Rugby School*, ocorreu a divisão entre Futebol e Rugby, originando regras claras e algumas distinções para a prática dos dois esportes. A partir deste marco, mais precisamente, em 1863, surgiu a primeira entidade representante do futebol, a *The Football Association*, criada em Londres. Desde então, foram fundadas a *International Board*, em 1882, com o escopo de definir as regras do futebol, e a *FIFA*, em 1904, entidade máxima do futebol.

No Brasil, segundo Merli (2002), citado por Voser et. al. (2006), o futebol foi introduzido pelo brasileiro de origem inglesa Charles W. Miller, que ao retornar ao país vindo da Inglaterra, em 1894, trouxe consigo duas bolas, dois uniformes, uma bomba de ar, além de um livro de regras sobre o esporte. Os primeiros praticantes reunidos de forma organizada no Brasil eram sócios do São Paulo Athletic Club, que reunia funcionários ingleses da Companhia de Gás, do Banco de Londres e da São Paulo Railway. O futebol, então, se espalhou pelo Brasil, difundindo-se através da criação de clubes futebolísticos, sendo o Sport Club Rio Grande considerado o primeiro clube de futebol do Brasil. Contudo, a despeito do seu início elitista, o futebol começou a ser praticado pelas camadas sociais mais baixas, pois a oferta de jogadores oriundos das classes mais altas não conseguia acompanhar a demanda criada pela formação de agremiações envolvidas com a prática do esporte, sendo necessário que os moradores de periferias, operários das empresas, fossem convocados a jogar.

Em 1916, foi fundada a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), entidade destinada a gerenciar as questões relacionadas com o futebol brasileiro e que, em 1979, se tornaria a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), (VOSER et. al., 2006).

Atualmente, já foram disputados 19 Campeonatos Mundiais de Futebol, realizados em todos os continentes, e a profissionalização do esporte está cada dia mais evidente, fato comprovado pela divulgação maciça, imenso investimento tecnológico, organização institucional rígida e acessibilidade quase que ilimitada a sua prática. Este futebol, tido como espetáculo, configura-se como um dos ramos mais lucrativos da economia de serviços de entretenimento, tornando-se um negócio altamente rentável. Movimenta uma quantia superior a 250 bilhões de dólares por ano e responde a uma demanda em contínua evolução que resulta numa grande diversidade de atividades empresariais (CARRAVETA, 2001).

Com relação às regras, o jogo é disputado em um campo de grama, podendo ter 90 metros de comprimento, no mínimo, e 120 metros, no máximo. Em partidas internacionais estes números se alteram para 100 e 110 metros, respectivamente. Quanto à largura, o campo pode ter 45 metros, no mínimo, e 90 metros, no máximo. Em partidas internacionais estes números se alteram para 64 e 75 metros, respectivamente. A partida tem a duração de dois tempos de 45 minutos cada, com intervalo de 15 minutos entre eles, podendo o tempo total de cada tempo ser acrescido, conforme entendimento do árbitro quanto às paralisações ocorridas durante a partida (FIFA, 2012).

Segundo Gomes e Souza (2008), o tempo de bola efetivamente em jogo pode variar consideravelmente, pois este depende do nível das equipes, do condicionamento físico dos atletas, do nível e da importância da competição, das dimensões do campo, da temperatura, do clima, etc. Em média, este tempo pode variar entre 57 e 68 minutos, ou 58 a 74% da duração da partida.

As equipes são formadas por onze jogadores cada - sendo um deles, obrigatoriamente, o goleiro - que poderão ser substituídos num total de três por equipe, sem direito de retorno ao jogo. A bola será esférica, de couro ou outro material adequado, tendo uma circunferência entre 68 e 70cm, e o peso entre 410 e 450g. (FIFA, 2012). Além disso, a bola configura-se no objeto de desejo de todo o pretendente a jogador e é um dos materiais de jogo que recebe mais atenção dos fornecedores de materiais esportivos. A ideia vigente é sempre aumentar o efeito

que o chute imprime à bola dificultando a ação de defesa a ser realizada pelo goleiro. Aliás, a finalização a gol através do chute é uma das ações preferidas da maioria dos jogadores além de ser de vital importância para o objetivo do jogo.

2.2 O CHUTE

Gallahue e Ozmun (2003) definem chutar como uma forma de bater, na qual o pé é utilizado para gerar força a um objeto. Ximenes (2002), em estudo analisando diferentes tipos de chute no Futebol de Campo, descreveu as fases do chute como:

Corrida de aproximação: aproximação do jogador à bola até a última passada quando a perna do chute toca o solo;

Posicionamento do pé de suporte: inicia-se no instante do contato da perna do chute com o solo até o momento de contato do membro de suporte no chão;

Contato com a bola: do instante do contato do pé de suporte no solo até o momento em que o membro de chute entra em contato com a bola;

Finalização: continuação do movimento de todo o corpo a partir do contato com a bola.

Para Voser et. al. (2006), o chute é a impulsão dada à bola com um dos pés, tendo como objetivo o gol adversário. O chute também pode ser defensivo quando o objetivo é impedir as ações de ataque. É um dos principais fundamentos do futebol e é utilizado com a bola em movimento ou em cobranças de falta e escanteios.

Segundo o mesmo Voser et al. (2006), no chute se estabelece uma reação de forças (pé e bola), entretanto o determinante para a velocidade do chute é a velocidade imprimida pela perna do pé de toque ao tocar a bola. Além disso, alguns fatores precisam ser considerados para a execução correta do chute, como: a posição do pé de apoio; posição do pé de toque; posição do joelho da perna que chuta (fletido para impulsão da perna); posição do corpo e da cabeça no momento do chute (equilíbrio). Também podemos destacar algumas fases para o chute, iniciando com a corrida em direção à bola, onde o corpo deve estar levemente inclinado para frente; o pé deve estar levantado para trás e para cima, flexionando-se o joelho; o movimento de chute deve ser “explosivo”; após o toque na bola, a perna deve continuar o movimento, completando um meio círculo.

Quanto à classificação, Voser et al. (2006) dividem o chute conforme os seguintes parâmetros:

Trajectoria: rasteiro, meia-altura, parabólico, alto.

Tipo de Execução: simples (parte anterior do pé, dorso, parte interna, externa), voleio ou sem-pulo, de letra, bate-pronto e bicicleta.

Tais classificações só puderam ser definidas através da exaustiva observação da realização do movimento durante os jogos, por meio de filmagens ou de análise visual *in loco*, nas quais se analisou os objetivos do chute, o destino, a velocidade dos segmentos, a preparação, etc. Este tipo de análise também pode ser utilizado em outras situações do jogo para fornecer dados da sua própria equipe aos treinadores ou das equipes adversárias e é chamada de análise de jogo.

2.3 ANÁLISE DE JOGO

Atualmente, o nível competitivo em que se encontra o Futebol profissional tem exigido níveis de performance cada vez mais elevados. Neste sentido, o desempenho das equipes em treinos e competições tem sido analisado em detalhes. Uma das formas que tem sido utilizada para monitorar a performance no Futebol é a análise do jogo. Para os treinadores, a análise das ações de sua equipe e da equipe adversária tem-se assumido como uma fonte de informação importante na regulação do programa de treino. Além disso, a importância de estudar os detalhes do futebol está diretamente ligada com a evolução do esporte. Isto aumenta a qualidade de treinamento e preparação das equipes, melhorando, assim, o nível dos jogos e aumentando as chances que as equipes têm de manter seu estilo de jogo altamente competitivo (SILVA, 2006).

A análise de jogo pode ser denominada de diversas formas, dentre as quais destacam-se: observação do jogo, análise de jogo e análise notacional. Entretanto, a expressão mais utilizada na literatura é análise de jogo (GARGANTA, 2001).

Esta área de estudo do desporto consiste na observação do comportamento de jogadores e das equipes nas mais variadas situações de jogo, sendo fundamental para a preparação de atletas. Tal importância é claramente percebida nas mudanças técnicas e táticas realizadas pelo treinador em sua equipe para enfrentar adversários com diferentes características (GARGANTA, 1998).

Segundo Matias e Greco (2009) a análise do desempenho permite a obtenção de dados de sua equipe e da equipe adversária, possibilitando determinar modelos das atividades dos jogadores e das equipes; desenvolver métodos de treino que

visem uma maior especificidade e, portanto, superior transferibilidade para o jogo; indicar evoluções nas mais variadas modalidades esportivas.

Foi por volta da década de 30 que os especialistas começaram a estudar os desportos coletivos através da análise de jogo para maior compreensão técnica e tática da modalidade. Em 1931, nos Estados Unidos, Messermith e Corey pesquisaram as distâncias percorridas por atletas de basquetebol (MATIAS; GRECO, 2009; MORAES, 2009). A partir desse momento, houve um aumento significativo no volume de estudos de âmbito científico que utilizam a análise de jogo para compreender e determinar padrões técnicos e táticos, tanto individuais quanto coletivos (GARGANTA, 2001).

Para Prudente et al. (2004) estudos centrados nas variáveis técnicas e táticas dos jogos auxiliam na compreensão das exigências fisiológicas, psicológicas e técnico-táticas da modalidade analisada.

O Futebol, conforme Dufour (1989) e Gréhaigne (1989) citados por Garganta (2000), quando comparado com outros jogos desportivos coletivos (Basquetebol e Handebol, por exemplo), apresenta uma supremacia da defesa sobre o ataque, o que faz com que um dos grandes problemas do jogo consista em conseguir oportunidades de finalização (CASTELO, 1994, apud GARGANTA, 2000).

Atualmente, a tecnologia e o conseqüente aperfeiçoamento nos métodos de observação que tornam os dados mais fidedignos, fizeram com que cada vez mais treinadores, preparadores físicos, treinadores de goleiros e outros integrantes da comissão técnica recorressem à análise de jogo para melhor compreender equipes adversárias e sua própria equipe (GARGANTA, 2001). Além disso, os dados coletados a partir da análise comportamental dos atletas em contextos naturais (competições e treinos) são considerados uma das variáveis imprescindíveis para uma otimização no aprendizado e eficácia nas ações desportivas (HUGHES; FRANKS, 1997). Corroborando com este pensamento, MORAES (2009), reforça que estudos desta natureza proporcionam subsídios para o direcionamento e controle do processo de treino e competição, prioritariamente no que se refere às informações sobre a performance dos jogadores e das equipes.

2.5 ASPECTOS TÁTICOS

A tática de jogo representa um sistema de ações motoras realizadas pelos atletas e altamente selecionadas e planejadas no sistema de treinamento, de forma a antecipar as demandas exigidas no decorrer da partida. Está presente no estabelecimento da formação de jogo e estrutura da base da equipe, na distribuição dos jogadores no campo, na delegação das tarefas por posição e das tarefas iniciais do jogo, bem como formação das ações individuais dos jogadores (GOMES e SOUZA, 2008).

Segundo Frisselli e Mantovani (1999), a tática é tão antiga quanto o próprio esporte, vindo de Florença, na Itália, o primeiro relato de organização tática da história: dois grupos de 27 jogadores decidiram resolver suas diferenças políticas em uma partida. Tão importante era a vitória que as equipes se preocuparam em organizar os jogadores em três funções: ataque, meio-campo e defesa, alinhados e dispostos de forma que ficassem taticamente organizados pelo campo.

Para Carraveta (2001) o jogo de futebol é realizado através de um conjunto complexo de ações, em situações distintas e indeterminadas, onde os componentes táticos exercem um papel decisivo no rendimento das equipes. Ainda, a tática abrange a concatenação e o direcionamento de todos os processos técnicos que os jogadores de futebol desempenham durante a partida com o objetivo de superar o adversário.

A tática nos permite organizar os jogadores no campo de jogo de forma que possam se especializar em determinadas funções: defender, armar e atacar. Dentro desta ideia, temos os diversos sistemas de jogo, que concedem aos atletas posições, como zagueiro, lateral, ala, volante, meio-campo, atacante, centroavante. Os sistemas mais usados são o 4x4x2, 4x3x3, 3x5x2, 3x6x1, 3x4x3.

Além de contribuir para a melhor organização da equipe em campo, os aspectos táticos de uma equipe englobam ações pré-determinadas que serão realizadas no decorrer da partida frente a determinadas situações de jogo. Uma equipe pode assumir uma postura mais defensiva e marcar o adversário somente quando este ultrapassar a linha de meio-campo, ou então marcar o oponente sob pressão, tirando o espaço desde a área adversária. Pode também adotar uma ideia ofensiva, por estar jogando em casa, por exemplo, e liberar os seus laterais e volantes para compor o ataque, ou mesmo se organizar em campo para que a investida ao campo adversário seja feita por meio de contra-ataques (FRISSELLI e MANTOVANI, 1999; SANTOS FILHO, 2002).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

O presente estudo possui caráter descritivo por utilizar a observação, registro e análise de dados como ferramenta para resolver o problema e aperfeiçoar as práticas relacionadas (THOMAS; NELSON, 2002). No âmbito das dimensões configuradoras da dinâmica funcional dos Jogos Desportivos Coletivos, (MORAES, 2009, p. 28), este estudo relaciona-se com a dimensão espaço (setor espacial de ocorrência do chute e zona da goleira), bem como a dimensão tarefa (chute) e dimensão desempenho (análise do resultado do chute).

3.2 AMOSTRA

A amostra é composta por 16 jogos do Campeonato Gaúcho de Futebol Júnior 2012, realizados em todo o RS. Cada jogo foi disputado em 90 minutos, divididos em dois tempos de 45. As partidas observadas envolveram 10 equipes.

3.3 INSTRUMENTOS E EQUIPAMENTOS DE MEDIDA

Foi utilizado um modelo de *scout* adaptado de D'ávila et al. (2002) como instrumento para a coleta de dados, a qual foi realizada pelo pesquisador. O modelo divide o campo em dez possíveis pontos de finalização (Figura 1) e a goleira em seis partes (Figura 2).

3.3.1 Explicitações das Variáveis

1) Chutes ofensivos – Nesta variável são observados todos os chutes ofensivos que objetivam a meta adversária. Podem resultar em gol, defesa, para fora, na trave, saída de gol ou interceptados.

2) Setor do Chute – É observado o local do campo onde ocorreu o chute. Sendo o campo dividido em 10 pontos de finalização (Figura 1).

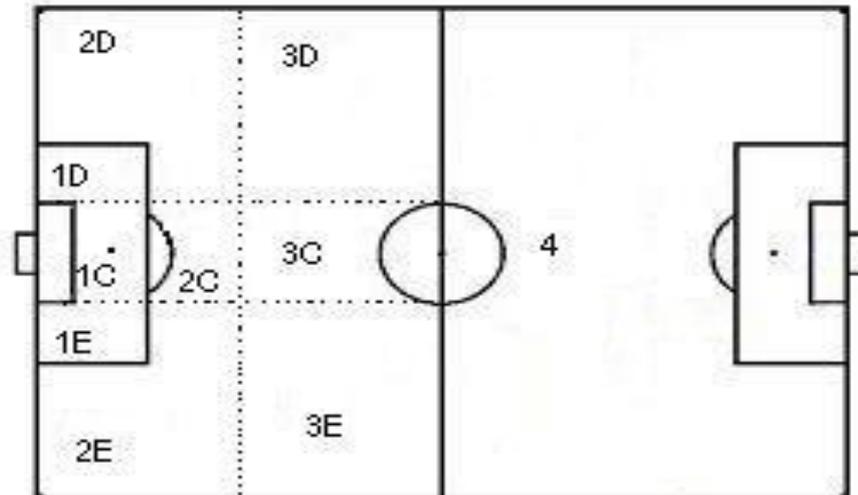


Figura 1 - Divisão utilizada para determinar os pontos de finalização

Os setores foram divididos da seguinte forma:

- 1E – Lado esquerdo da grande área até a linha esquerda da pequena área
- 1C – Região frontal a baliza dentro da área
- 1D – Lado direito da grande área até a linha direita da pequena área
- 2E – Lado esquerdo fora da área até a metade do campo ofensivo
- 2C – Região frontal a baliza fora da área até a metade do campo ofensivo
- 2D – Lado direito fora da área até a metade do campo ofensivo
- 3E – Lado esquerdo após a metade do campo ofensivo até a linha central
- 3C – Zona frontal a baliza após a metade do campo ofensivo até a linha central
- 3D – Lado direito após a metade do campo ofensivo até a linha central
- 4 – Campo defensivo

3) Local do gol acertado – É observado qual ponto da meta o chute atingiu podendo resultar em gol, ou defesa do goleiro. A goleira foi dividida em 6 partes (Figura 2) da seguinte forma tendo como referência o finalizador:

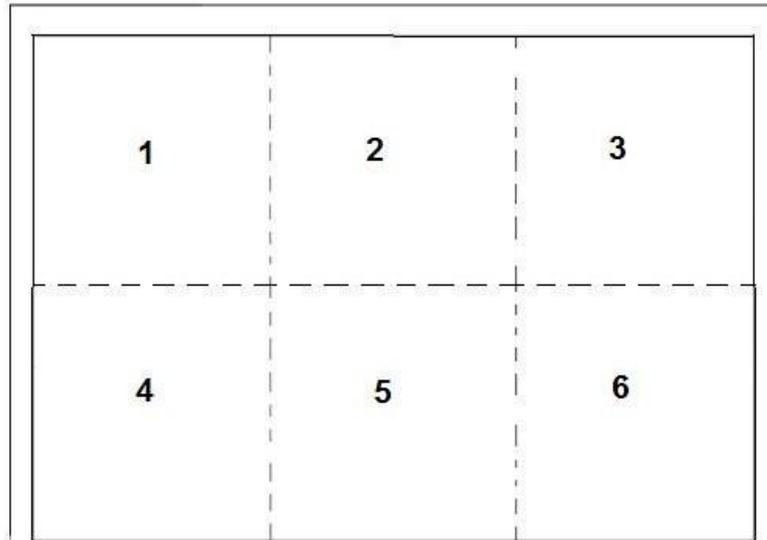


Figura 2 - Marcação utilizada para identificar as regiões do gol

A divisão das regiões foi feita da seguinte forma:

- Região 1: Lado esquerdo superior com 2,44m de comprimento e 1,22m de largura.
- Região 2: Zona central superior com 2,44m de comprimento e 1,22m de largura.
- Região 3: Lado direito superior com 2,44m de comprimento e 1,22m de largura.
- Região 4: Lado Esquerdo inferior com 2,44m de comprimento e 1,22m de largura.
- Região 5: Zona central inferior com 2,44m de comprimento e 1,22m de largura.
- Região 6: Lado direito inferior com 2,44m de comprimento e 1,22m de largura.

4) Resultado das finalizações – Nesta variável é analisado o resultado de todas as finalizações, podendo ser:

- Gol – quando a bola ultrapassa a linha de gol entre as balizas.
- Defesa – quando o goleiro defende o chute que tinha como rumo a goleira.
- Fora – são os chutes que não acertaram a meta e foram para fora
- Trave – quando a bola acerta uma das traves após o chute

- Saída de gol – dois tipos de ação foram consideradas saída de gol. A primeira quando o goleiro intercepta a bola logo antes do jogador executar o chute, a segunda quando o goleiro realiza a defesa fora do gol.

3.4 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS

Os dados foram coletados através de observação *in loco*, realizada por um avaliador, o qual se encontrava em uma posição central em relação ao campo, em frente à linha de meio campo. Também foi realizada a coleta de dados através de observação de vídeos das partidas que foram fornecidos pelo Departamento de Análise de Dados do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre e do Esporte Clube São José. Nos jogos gravados a câmera foi posicionada ao lado do campo, em uma posição central, no nível do campo ou na cabine de imprensa do estádio, acima do nível do campo. Utilizou-se um modelo de *scout* adaptado de D'ávila et al. (2002), impresso em papel e preenchido à caneta pelo avaliador. Foram avaliadas as finalizações, no momento do chute, levando-se em conta a posição do jogador em relação ao campo e o destino da bola. Após a coleta, os dados foram agrupados segundo as categorias gol, defesa, saídas de gol, chutes para fora, interceptados e trave, e também segundo a posição de chute e o destino da bola com relação à goleira.

3.5 ANÁLISE DE DADOS

Os dados foram tratados através do software *Excel 2007*, utilizando estatística descritiva para análise da frequência das variáveis desejadas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram analisados 16 jogos do Campeonato Gaúcho de Futebol Júnior, totalizando 414 chutes ofensivos e média de 25,9 chutes por jogo. Como podemos ver no gráfico 1, a maior parte das finalizações (63%) não atinge a goleira, sendo 22% dos chutes interceptados e 41% para fora. Ainda, 2% dos arremates atingem a trave e também não contam com a atuação do goleiro. Portanto, segundo os dados obtidos, apenas 35% das finalizações efetuadas durante as partidas em análise chegam realmente à meta com necessidade de atuação direta do goleiro, ou seja, pouco mais de um terço dos chutes são chutes no gol.

Além disso, o percentual de gols foi de 11% em relação ao total de chutes, enquanto que as defesas realizadas sob a baliza somaram quase o dobro (20%). Considerando também as defesas atuadas a partir de saídas do gol (4%), obtemos uma vantagem ainda maior do defensor sob o atacante (24%).

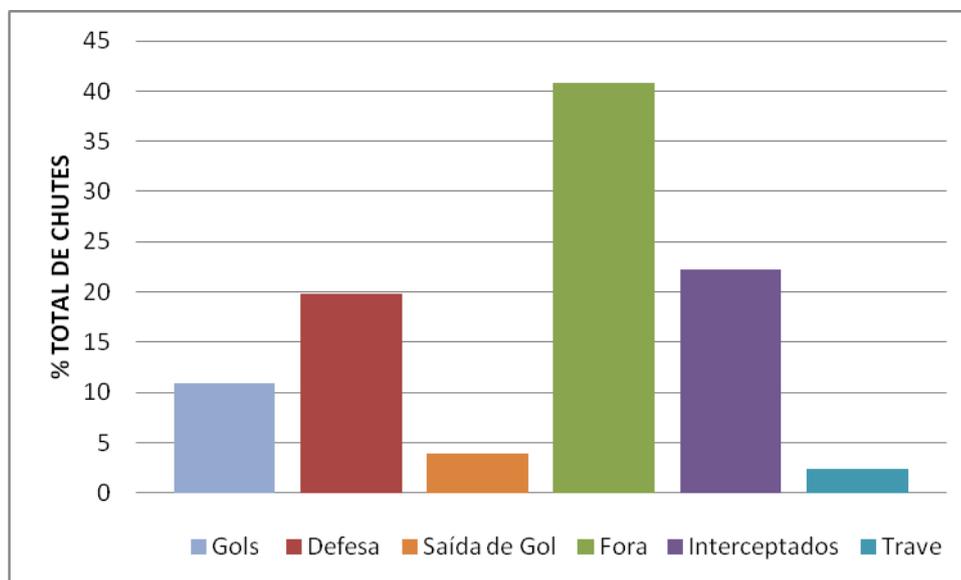


Gráfico 1 – Resultado geral dos chutes

Do total de chutes efetuados somente uma parte atingiu efetivamente o gol (35%), o restante foi interceptado, foi para fora ou atingiu a trave. O gráfico 2, ao mostrar o percentual de chutes que resultaram em gols (31%), em defesas (57%) e em saídas de gol (11%) do total de chutes no gol, reforça os dados obtidos acima. Percebemos, em análise ao gráfico, que o percentual de gols é praticamente a

metade do percentual de defesas e, se considerarmos a atuação do goleiro nas saídas de gol, a participação, na amostra, dos chutes que resultaram em gol cai para menos da metade, confirmando que na maioria das vezes o defensor leva vantagem sobre o atacante, ou seja, dos chutes que chegam ao gol, um terço resulta na marcação de um gol.

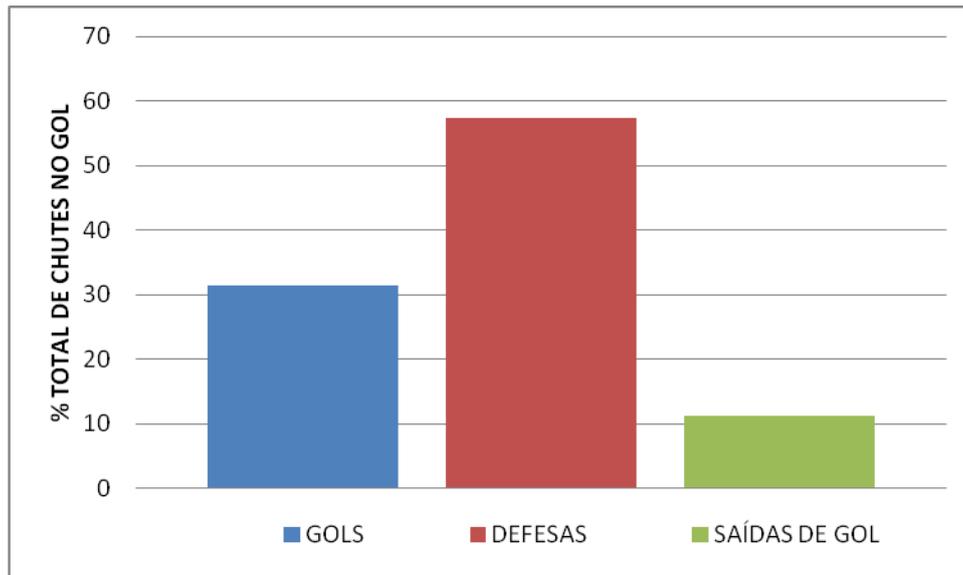


Gráfico 2 – Resultado dos chutes no gol

A região do campo onde houve a maior incidência de finalizações foi, conforme o gráfico 3, a região 2C (31%) seguida da região 1C (23%), que somadas compõem mais da metade dos chutes deste estudo. Esta preferência pela região central sugere uma explicação simples, pois, aparentemente, o ângulo de chute oferecido nesta região aumenta o número de possíveis pontos da goleira onde o atacante poderá colocar a bola, enquanto dificulta ao goleiro “fechar” todos estes pontos, ou mesmo tentar adivinhar a escolha do batedor. Além disso, a lateralidade do finalizador não terá influência nesse caso, pois ambos, canhotos ou destros, permanecerão com quase o mesmo número de pontos possíveis para o chute.

O fato de haver uma área maior da goleira suscetível ao chute confunde o goleiro e o deixa praticamente sem possibilidades de defesa diante de um arremate bem colocado, já que não pode optar por “fechar” um ou outro ângulo em detrimento dos outros, sob pena de deixar um dos lados da goleira totalmente aberto. Este dado é de conhecimento da maioria dos jogadores e treinadores, principalmente em faixas etárias onde a habilidade psicomotora está mais desenvolvida e já há certa

experiência quanto aos aspectos envolvidos em uma partida, como é o caso do presente estudo, que analisou jogos da categoria júnior de clubes de futebol (17,18 e 19 anos). Por isso, tendo ciência da dificuldade enfrentada pelos defensores nessas ocasiões, os jogadores são instruídos a finalizar das regiões centrais, quando há a oportunidade, onde a probabilidade de gol é aumentada pelos fatores já relatados.

A região 2C foi a responsável pelo maior número de finalizações, muito provavelmente, porque fica mais próxima da meta do que as regiões 3 (3E, 3C e 3D) e 4, bem como a região 1 (1E, 1C e 1D), por tratar-se de uma zona de alto risco de gol, geralmente recebe mais atenção por parte das equipes e acaba por ter a sua área mais povoada por defensores, o que dificulta o arremate nesta região e faz com que os atacantes muitas vezes tenham que finalizar de uma posição mais recuada.

A explicação do alto índice de finalizações efetuadas na posição 1C, sendo a segunda com mais finalizações talvez resida no número de vezes em que esta região é buscada nas jogadas de ataque, pois, apesar da maior atenção que é dispensada a esta região em relação às outras pelos defensores, ela também é objetivada por mais vezes pela equipe atacante durante as partidas. Ou seja, verificou-se em análise aos jogos que compõem o presente estudo que, na maioria das oportunidades, a equipe atacante busca fazer com que a bola chegue à região 1C, o que viabiliza um percentual relevante de finalizações nesta área.

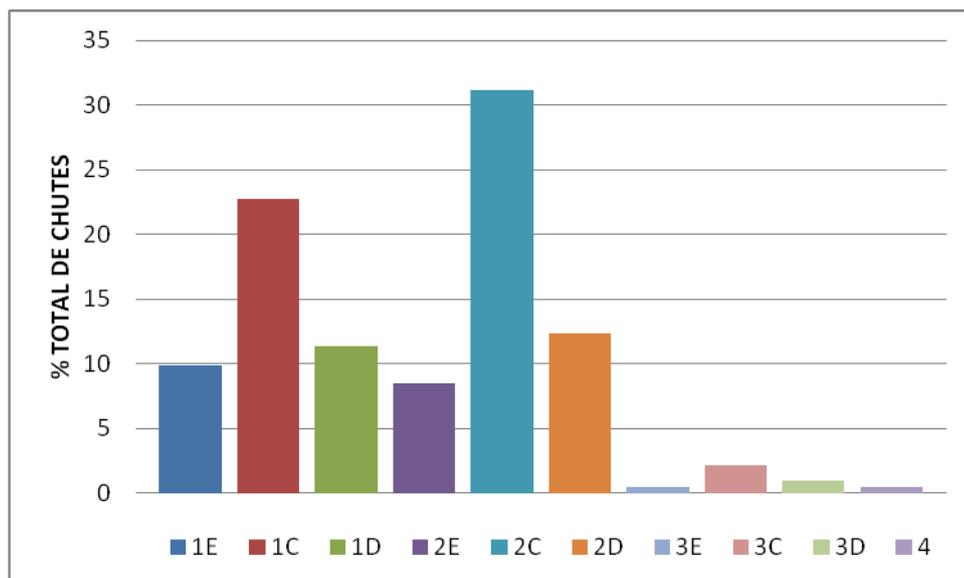


Gráfico 3 – Percentual de chutes de cada região

Como vemos abaixo (gráfico 4), a posição 1C foi a que teve o melhor percentual de chutes que atingiram o gol (53%), enquanto que a região 2C foi a pior neste aspecto (22%). Obviamente, tais resultados já eram esperados, pois a região 1C encontra-se muito próxima à baliza, o que diminui as chances de erro, já a região 2C, apesar de ser um ponto frontal, conta com grande atenção dos defensores, o que dificulta a precisão dos arremates, tendo muito chutes interceptados ou colocados para fora.

As posições que se encontram dentro da grande área (1E, 1C e 1D), apresentaram os melhores percentuais de precisão. As finalizações realizadas a partir das posições 3E, 3C, 3D e 4 não atingiram o gol em nenhuma oportunidade.

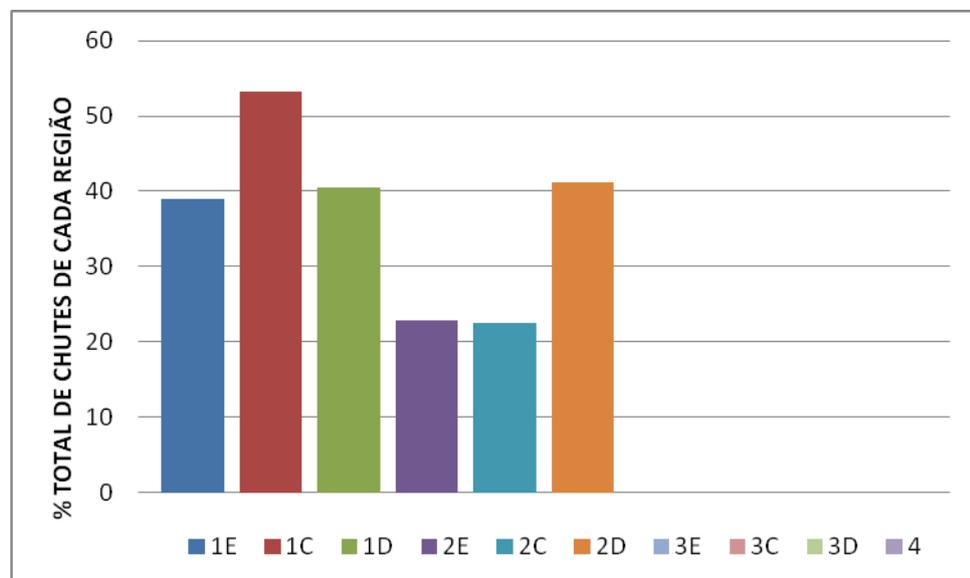


Gráfico 4 – Percentual de chutes no gol do total de chutes de cada região

Os gráficos 5, 6 e 7 demonstram, em valores percentuais ou absolutos, o número de gols em relação ao local de origem do chute. Observamos que a região de onde a grande maioria dos gols se originou é a região 1C (30 gols – 67%), não sendo, entretanto, a região com o maior índice de chutes, conforme gráfico acima. Tal fato parece ser resultado da proximidade desta região com a meta e da sua posição frontal, a qual oferece mais possibilidades de arremate aos finalizadores, pelos motivos já citados. Essa combinação de fatores faz com que a região 1C seja uma área crítica para a defesa, merecendo toda a sua atenção. Todas as outras regiões somadas chegaram a 15 gols, ou seja, 33% do total de gols. Nenhum gol foi marcado das regiões 3E, 3C, 3D e 4.

Se agruparmos os gols oriundos de bolas finalizadas de dentro da área (1E, 1C e 1D) chegamos a um total de 36 gols, ou 80% do total, o que se aproxima do encontrado por Armatas e Yiannakos, em 2010, onde a posição de origem dos chutes que resultaram em tentos também foi observada. Os referidos pesquisadores, ao dividir o campo de jogo em três regiões (pequena área, grande área e fora da área), analisaram os gols marcados na Copa do Mundo de 2006, encontrando um percentual de 32,17% de gols marcados da região da pequena área, 51,3% de gols marcados de dentro da grande área e 16,52% de gols marcados de fora da área. Ou seja, 83,47% dos gols foram advindos de arremates efetuados de dentro da área.

Em outro estudo, Ramos e Oliveira (2004), ao analisar os gols ocorridos na Eurocopa do mesmo ano, encontraram um percentual bem próximo àquele obtido no estudo de Armatas e Yiannakos e no presente estudo, sendo 77% dos gols marcados de dentro da área enquanto 23% foram marcados de fora da área.

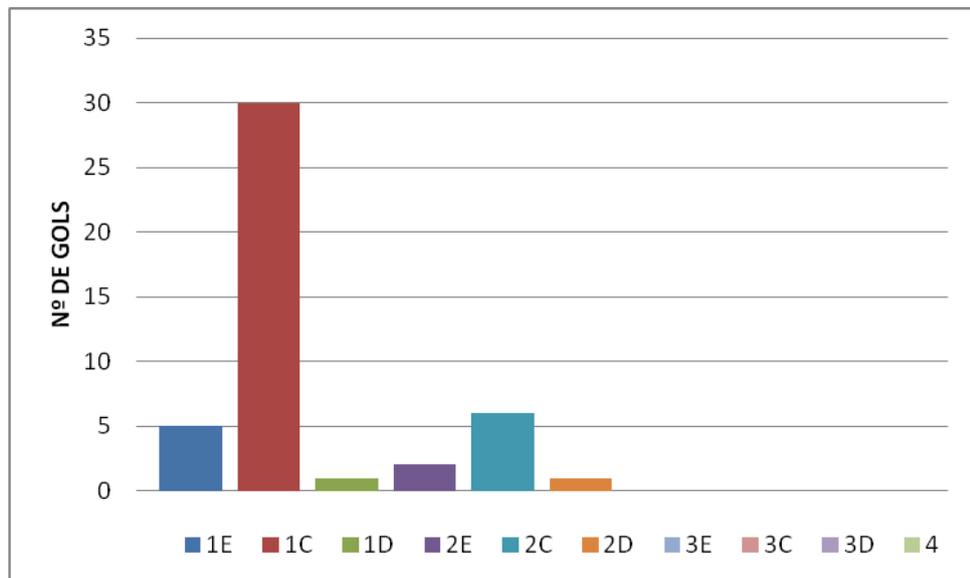


Gráfico 5 – Número de gols de cada região de origem

A região 1C também parece ser a mais eficiente se levarmos em conta o número de chutes que atingiram a goleira e o número de gols marcados. 60% dos chutes que chegaram à meta advindos dessa região foram convertidos em gols. A região 1E, apesar de não contar com muitos gols, aparece com uma eficiência de pouco mais de 30%. Já a região 2C, que teve a maior incidência de chutes, apresentou uma eficiência de aproximadamente 20%.

Além de a maioria das regiões de dentro da área (1E e 1C) ter, pelos motivos já elencados neste estudo, apresentado um maior índice de eficácia com relação às outras, parece haver maior probabilidade de ocorrência de gol em finalizações efetuadas a partir do lado esquerdo do campo (1E e 2E), embora o lado direito (1D, 2D e 3D) tenha apresentado maior número de arremates (gráfico 3). Entretanto, não há como fazer comparações com outros resultados obtidos devido à escassez de estudos que tenham feito uso do modelo de scout utilizado no presente estudo.

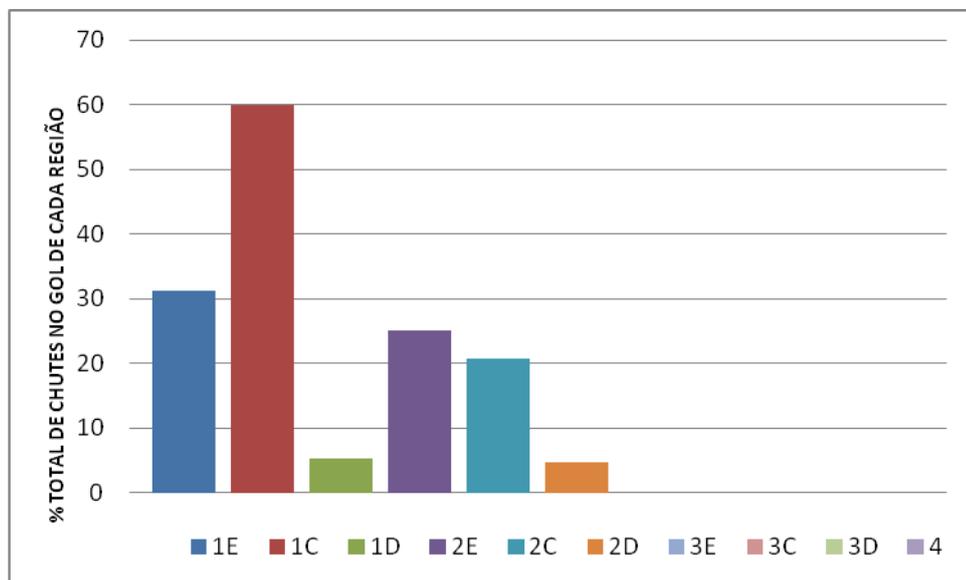


Gráfico 6 – Percentual de gols do total de chutes no gol de cada região de origem

Ao analisarmos o gráfico seguinte, o qual representa a relação de gols obtidos em cada posição específica pelo número de total de bolas finalizadas de cada região do campo, encontramos um percentual ainda maior, proporcionalmente, da região 1C em comparação as demais. Tal fato pode significar um número alto de arremates que efetivamente atingiram o gol (53%) bem como um alto índice de eficácia em converter estes arremates no gol em tentos (60%). Em contrapartida, a posição 2C apresenta um percentual ainda menor (5%) do que o demonstrado no gráfico anterior. Isto pode ser explicado pelo baixo índice de finalizações que realmente atingiram algum ponto da goleira partindo desta posição (22%), diminuindo, portanto, a possibilidade de gols marcados deste ponto e sua eficiência em gols, que ficou em torno de 20%.

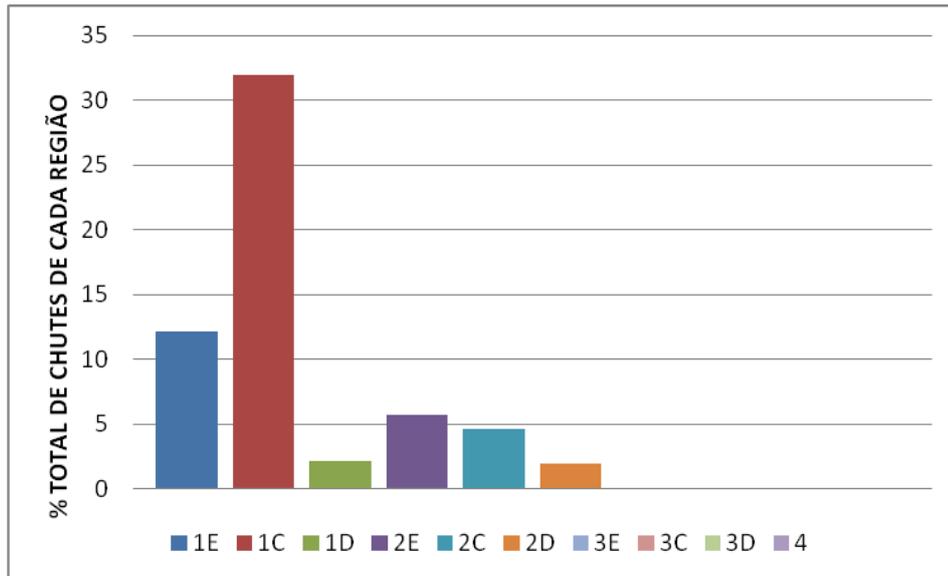


Gráfico 7 – Percentual de gols pelo total de chutes de cada região de origem

Como já comentado anteriormente, do total de chutes realizados 35% exigiram atuação direta do goleiro. Entretanto, nem todos atingiram algum ponto da meta, pois dentro deste percentual estão também as saídas de gol, onde há o arremate à baliza, mas a bola não atinge nenhum ponto específico da mesma devido à prévia intervenção do goleiro. Portanto, o percentual de chutes que tem como destino algum local específico da goleira desce para 31% do total de finalizações.

Neste sentido, assim como o gráfico 3 demonstrava o percentual de chutes por região de origem, a figura 3 representa o percentual de chutes por região de destino em relação ao número de chutes que chegam efetivamente a alguma região do gol. Nela podemos observar que a região 5 foi o destino preferido dos atacantes com 32% dos chutes atingindo o gol. Outro dado verificado foi que as regiões com maior incidência de chutes são as regiões inferiores da goleira (4, 5 e 6), que juntas somam 69% do total de arremates que chegam à baliza, predominando, ainda, a preferência dos atacantes por chutes destinados à região central da goleira (2 e 5), que compõem um percentual de 45% dos chutes que atingiram o gol contra 24% destinados ao lado direito da goleira (1 e 4) e 29% destinados ao lado esquerdo (3 e 6).

Tanto a aparente preferência dos finalizadores pelas regiões rasteiras quanto pela parte central da meta podem ter sua explicação baseada na possível falta de confiança ou mesmo deficiência técnica dos atacantes que fazem parte das equipes analisados no presente estudo. Tendo em vista se tratar de um campeonato

estadual da categoria júnior, onde boa parte dos times não conta com condições ideais de trabalho e de materiais, bem como os atletas não são considerados “de ponta”, estes podem, portanto, apresentar comportamentos, em relação aos aspectos técnicos do jogo, fora do padrão desejado. Um exemplo disto pode ser visto, como supracitado, na figura abaixo, haja vista terem sido encontrados mais chutes destinados à região central a despeito de serem os jogadores, segundo conhecimento amplamente divulgado no meio, orientados a buscar os cantos da meta, objetivando dificultar a atuação dos goleiros, de forma que o arremate coloque a bola em direção à goleira e fora do alcance do arqueiro.

Outra explicação pode vir da possível lógica utilizada pelos atletas de que a probabilidade de o gol acontecer é diretamente proporcional à área da goleira onde a bola poderia entrar. Logo, chutando no meio do gol e de forma rasteira a certeza de acerto à baliza seria muito maior do que um chute direcionado a um dos cantos e buscando a parte de cima, pois mesmo um leve desvio poderia colocar a bola rumo à trave ou então para fora. Além disso, um desvio incidente em uma bola destinada ao meio do gol poderia redirecioná-la para um dos cantos, fazendo praticamente cair por terra a chance de defesa. Por fim, garantindo que a bola chega à área da goleira, compreendida entre as três traves e o solo, o atacante passa a responsabilidade ao goleiro, podendo, por vezes, contar com a falha do defensor, ocasionando o tento.

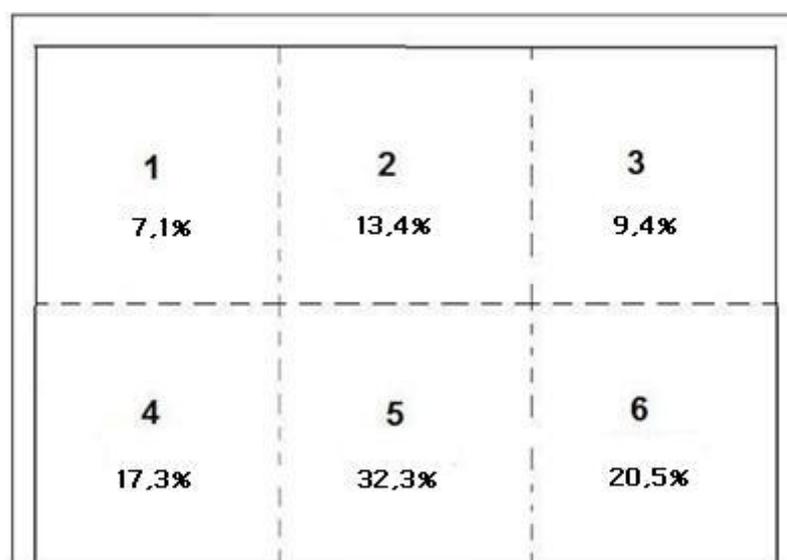


Figura 3 – Percentual de chutes do total de chutes no gol

Os gráficos 8 e 9 demonstram a relação das finalizações que resultaram em gols por cada região de destino da goleira. Obtivemos um total de 45 gols e, portanto, podemos observar que, em números absolutos, o canto esquerdo inferior da meta (6) foi a região que apresentou o maior número de chutes convertidos em gols (17), ou seja, 112,5% a mais do que a segunda região com mais gols (4 – com 8 gols), embora não tenha sido a região que recebeu mais finalizações, como mostra o gráfico acima. Além disso, o lado esquerdo da goleira (3 e 6) sofreu 24 gols, o dobro do lado direito (1 e 4), que sofreu apenas 12, enquanto a região central (2 e 5) apresentou o menor número de gols sofridos, 9. Este fato se mostra interessante, pois, como vimos, a região central foi a que teve maior incidência de arremates e não houve grande diferença entre os lados esquerdo e direito da meta com relação ao número de chutes. Talvez possamos explicar este dado se levarmos em conta que a maioria dos atletas é destra. Isto implica em uma maior precisão do chute, devido a um melhor enquadramento do corpo e maior ângulo de acerto, quando estes atletas destros visam o canto esquerdo da goleira, “tirando a bola” do arqueiro e não cruzando o chute, posto que, como descrito em um momento anterior neste estudo, a maioria dos chutes se deu de regiões frontais do campo. No caso dos goleiros, que também em sua maioria têm predileção pelo lado direito do corpo, pode-se especular que o impulso dado quando do momento da defesa bem como a movimentação em direção ao lado direito da baliza seriam mais fáceis de serem realizados, talvez por economia de movimento, força de impulsão, agilidade e precisão mais apurada no membro superior direito, etc. Entretanto, tais possibilidades necessitam de estudos específicos e, por este motivo, não podem ser categoricamente afirmadas no presente estudo.

Outro ponto que podemos destacar diz respeito à altura dos chutes resultantes em gols. Observamos que a região inferior (4, 5 e 6) apresentou 32 gols, ou 72% do total de gols, contra 13 gols da região superior (1, 2 e 3), o que representa 28% do total de gols. Estes números eram esperados já que a quantidade de finalizações endereçadas à parte inferior da meta foi bem maior do que o número de finalizações que atingiram regiões superiores, conforme a figura acima.

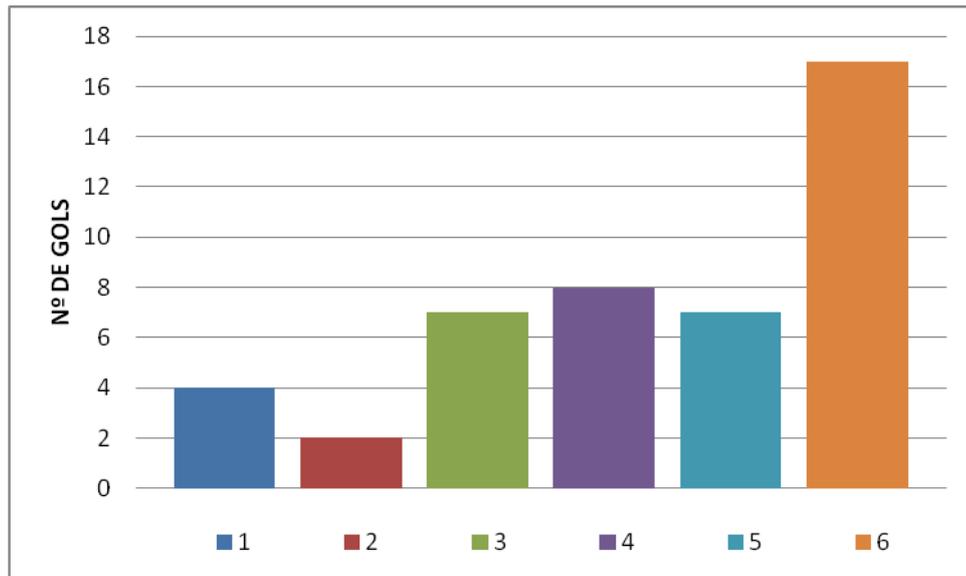


Gráfico 8 – Número de gols de cada região de destino

A relação entre os gols feitos e os chutes efetuados em cada região da meta resultou no gráfico 9, que ilustra a eficiência de chute dos atacantes para cada região específica da goleira. Podemos ver que a região onde há o maior índice de eficiência com relação à marcação de tentos é a região 6, com 65% dos chutes à gol sendo convertidos, seguida da região 3 (58%), da região 1 (44%) e da região 4 (36%). A região onde os atacantes encontram maior dificuldade ao tentar marcar o gol é a região central, pois embora tenha sido a região que recebeu o maior número de chutes é, também, a que apresentou o menor número de gols. É possível que isto ocorra pelo fato de ser o local onde o goleiro se posiciona naturalmente e onde permanece a maior parte do tempo, aumentando as chances de defesa. Ainda, o lado esquerdo da meta (3 e 6) teve vantagem sobre o lado direito (1 e 4), como mostra o gráfico.

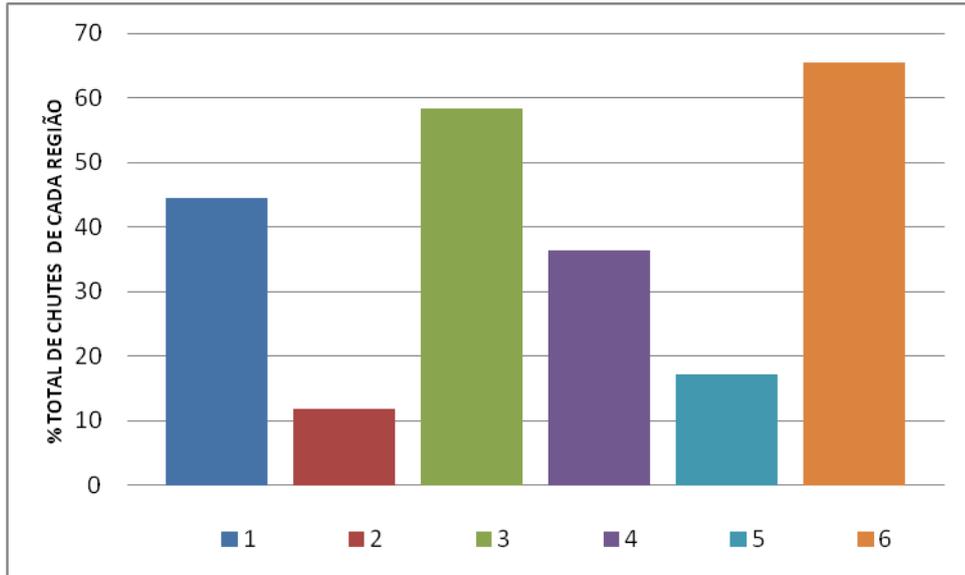


Gráfico 9 – Percentual de gols do total de chutes de cada região de destino

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo analisou um dos fundamentos mais importantes do futebol: o chute. Este fundamento foi abordado a partir da mensuração do número de finalizações efetuadas em determinados locais do campo de jogo e considerando o destino destas finalizações. Levou-se em conta o número de gols, chutes para fora, saídas de gol, defesas, bolas na trave e chutes interceptados, bem como se aferiu, a partir dos resultados obtidos, a incidência de gols por região, tanto do campo quanto da goleira; a eficácia em gols de cada região e a precisão dos finalizadores em cada ponto.

Os resultados encontrados mostram que há um maior número de chutes advindos das posições frontais mais próximas do gol, embora a posição que fica logo na entrada da área (2C) tenha apresentado uma condição diminuta quando se analisou as bolas que realmente chegaram ao gol, o que demonstra a necessidade de treinamentos de finalização voltados para esta região, aproveitando o fato de que os atletas analisados ainda encontram-se em fase de aperfeiçoamento dos fundamentos básicos do futebol. Além disso, por tratar-se de atletas que ainda não estão “prontos” tanto técnica quanto psicologicamente, o papel do treinador é de vital importância.

Foi registrado, também, um grande número de gols oriundos de posições próximas à goleira, principalmente da região frontal. Os arremates mais eficazes buscaram os cantos da meta, sobretudo a posição 6, corroborando com a hipótese do pesquisador. Em conclusão à análise realizada, os chutes efetuados da posição 1C direcionados à posição 6 são os mais eficientes, mesmo quando analisamos os resultados de ambas as regiões, do campo e da goleira, de forma conjunta. Os chutes efetuados das regiões 3E, 3C, 3D e 4 não se mostraram efetivos, pois não atingiram o gol em nenhuma oportunidade.

Portanto, chutes vindos das regiões 1C, 1E, 1D e 2D são os que têm maior chance de atingir o gol. Chutes da região 1C e 1E são os que têm maior chance de resultar em gol. Chutes destinados às regiões 6, 3, 1 e 4 têm a menor probabilidade de serem defendidos.

De maneira prática, os resultados do presente estudo demonstram a necessidade de maior treinamento de chutes das posições da entrada da área, a fim de se aumentar a precisão dos finalizadores. Entretanto, com relação aos goleiros, é

necessário que tenham em mente a aparente predileção dos atacantes pela região 6 e, em termos de aplicabilidade, treinamentos de finalizações a partir de cruzamentos à área podem trazer benefícios às habilidades dos arqueiros.

REFERÊNCIAS

ARMATAS, V.; YIANNAKOS, A. **Analysis and evaluation of goals scored in 2006 World Cup.** *Journal of Sport and Health Research*, 2010. 2(2):119-128.

BARRIS, Sian; BUTTON, Chris. **A Review of Vision-Based Motion Analysis in Sport.** *Sports Medicine*, 2008. v. 38. n. 12. 1025-1043.

CARRAVETA, Elio Salvador Praia. **O jogador de futebol: Técnicas, Treinamento e Rendimento.** Porto Alegre. Mercado Aberto, 2001. p 28.

D'ÁVILA, Ronaldo Castro et al. Modelos de avaliação do comportamento técnico-tático do goleiro de handebol. In: GRECO, Pablo Juan (Org.). **Caderno do goleiro de handebol.** Belo Horizonte: [s.n.], 2002. p. 235-253.

FIFA - Fédération Internationale de Football Association. **Organização.** 2012. Disponível em: <<http://www.pt.fifa.com/aboutfifa/organisation>>. Acesso em: 21 de março 2012.

FIFA - Fédération Internationale de Football Association. **Regras do Jogo.** 2012. Disponível em: <<http://www.pt.fifa.com/worldfootball/lawsofthegame.html>>. Acesso em: 25 de março 2012.

FONSECA, Gerard Maurício. **Futsal: treinamento para goleiros.** Rio de Janeiro: Sprint, 1998. 177 p.

FRISSELLI, Ariobaldo; Mantovani, Marcelo. **Futebol: teoria e prática.** São Paulo. Phorte, 1999. p 3-172.

GALLAHUE, David Lee; OZMUN, John. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos.** São Paulo: Phorte, 2003. 642 p.

GARGANTA, Júlio. Analisar o jogo nos jogos desportivos colectivos: uma preocupação comum ao treinador e ao investigador. **Horizonte**, Lisboa, v. 14, n. 83, p. 7-14, 1998.

GARGANTA, Júlio. A análise da performance nos jogos desportivos: revisão acerca da análise de jogo. **Revista Portuguesa da Ciência do Desporto**, Porto, v. 1, n. 1, p. 57-64, 2001.

GARGANTA, Júlio. Análise do jogo no futebol. Evolução das concepções, métodos e instrumentos. **Revista de Entrenamiento Deportivo**, Universidade do Porto, XIV (2), p. 5-14, 2000.

GOMES, Antonio Carlos; Souza, Juvenilson de. **Futebol: Treinamento desportivo de alto rendimento.** Porto Alegre. Artmed, 2008. p. 24-30.

HUGHES, Mike; FRANKS, Ian. **Notational analysys of sport**. London: E e FN SPON, 1997. 320 p.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Anuário Estatístico do Brasil**: Conhecimento atualizado da realidade brasileira. Rio de Janeiro, 2003.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Perfil dos municípios brasileiros**: esporte 2003. Rio de Janeiro, 2006.

LOPES, João Batista. **Treinamento de Goleiros: técnico e físico**. São Paulo. Ícone, 1999. p 13.

MATIAS, Cristino Júlio Alves da Silva; GRECO, Pablo Juan. Análise de jogo nos jogos esportivos coletivos: a exemplo do voleibol. **Revista Pensar a Prática**. Goiânia, v. 12, n. 3, p. 1-16, 2009.

MELO, Rogério Silva de. **Qualidades físicas e psicológicas e exercícios técnicos do atleta de futebol**. Rio de Janeiro. Sprint, 1999. p 13.

MORAES, J. C. **Determinantes da dinâmica funcional do jogo de Voleibol**. *Estudo aplicado em seleções adultas masculinas*. Porto: J. C. Moraes. Dissertação de Doutorado apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. 2009.

PRUDENTE, J. et al. Desenho e validação de um sistema de observação no Andebol. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**. Porto, v. 4, n. 3, p. 49-65, 2004.

RAMOS, Luiz A; OLIVEIRA Jr, M. H. **Futebol: classificação e análise dos gols da EuroCopa 2004**. Revista Brasileira de Futebol, 2008 Jan-Jul; 01(1): 42-48

SANTOS FILHO, José Laudier Antunes dos. **Manual do Futebol**. São Paulo. Editora Phorte, 2002. p 3-55.

SILVA, Marcelo Vilhena et al. Análise das ações ofensivas da seleção mineira sub-20 de futsal no campeonato brasileiro de seleções de 2004. **Revista mineira de educação física**, Viçosa, v. 13, n. 2, p. 197-205, 2005.

SILVA, Pedro M. M. Oliveira e. **A Análise do Jogo em Futebol: um estudo realizado em clubes da Liga Betandwin.com**. 2006. p. XIX. Dissertação (Mestrado em Treino de Alto Rendimento) – Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2006.

THOMAS; Jerry R.; NELSON, Jack K. **Métodos de pesquisa em atividade física**. Porto Alegre: Artmed, 2002. 419 p.

VOSER, Rogério da Cunha; GUIMARÃES, Marcos Giovanni Vieira; RIBEIRO, Everton Rodrigues. **Futebol: História, Técnica e Treino de Goleiro**. Porto Alegre. EDIPUCRS, 2006. p 11 - 113.

WEINECK, Jürgen. **Treinamento ideal**. São Paulo: Editora Manole, 1999. 740 p.

XIMENES, Jedson Machado. **Análise cinemática de dois tipos de chute no futebol**. 2002. 58 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) - Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2002.